

**INSTITUTO ENSINAR BRASIL
FACULDADE COMUNITÁRIA DE PEDAGOGIA DA SERRA**

**CLAUDIA PIMENTEL VIEIRA DE SOUZA
FERNANDA DOS SANTOS**

**A BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: IMPLICAÇÕES NO
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

**SERRA
2012**

CLAUDIA PIMENTEL VIEIRA DE SOUZA
FERNANDA DOS SANTOS

**A BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: IMPLICAÇÕES NO
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à Faculdade Comunitária
de Pedagogia da Serra - Instituto
Ensinar Brasil como requisito parcial
para obtenção do título de
Licenciatura Plena em Pedagogia.
Orientadora: Ana Rita Ronchi.

SERRA
2012

CLAUDIA PIMENTEL VIEIRA DE SOUZA
FERNANDA DOS SANTOS

A BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Serra - Instituto Ensinar Brasil, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovada em 10 de dezembro de 2012 pela banca composta pelos professores:

NOME DO ORIENTADOR: Ms. Ana Rita Ronchi

NOME DO EXAMINADOR: Ms. Karla Veruska Azevedo

NOME DA ALUNA: Claudia Pimentel Vieira de Souza

NOME DA ALUNA: Fernanda dos Santos

Dedicamos esta monografia a Deus sobre todas as coisas, a nossas famílias e em especial a nossa orientadora Ana Rita Ronchi, que nos motivou a buscar e acreditar que seríamos capazes de realizá-lo.

Agradecemos em primeiro lugar a Deus, por nos permitir chegarmos até aqui, nos dando força e determinação para superar todos os obstáculos. Muitos foram os motivos para desistirmos e muitos ficaram pelo meio do caminho, mas Deus nos guiou para sermos vencedoras e vitoriosas e aqui estamos, concluindo uma grande etapa de nossas vidas.

Aos nossos maridos, por confiar no nosso potencial e nos motivar em todos os momentos. Obrigado por nos sustentar e nos compreender nos momentos difíceis e conturbados, por comemorar nossas vitórias, por enxugar nossas lágrimas e acima de tudo, nos amar.

A minha filha amada, agradeço pelo amor incondicional e compreensão pelos momentos ausentes. Pelo ensinamento dado a cada amanhecer e por ser a minha adorável professora.

Aos nossos pais, agradecemos pela educação e por ter nos ensinado a sermos responsáveis e comprometidos em nossos desafios. A todos os familiares e amigos que participaram e acreditaram na conquista do nosso sonho.

A nossa orientadora Ana Rita Ronchi por fazer do aprendizado, não um trabalho, mas um contentamento. Por fazer com que nos sentíssemos pessoas de valor; por nos ajudar a descobrir o que fazer de melhor e, assim, fazê-lo cada vez melhor.

A nossa eterna gratidão. Muito obrigada!

“Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem”.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

A presente pesquisa foi realizada em uma escola pública de Educação Infantil-CEMEI, no município de Serra/ES. Esse estudo surgiu da necessidade de aprimorarmos nossos conhecimentos em relação à brincadeira e em especial suas implicações em relação ao desenvolvimento das crianças. O objetivo geral deste trabalho foi compreender o papel atribuído à brincadeira no cotidiano escolar infantil em função da constatação de sua importância para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. A Metodologia usada foi a abordagem qualitativa e os instrumentos utilizados para coleta de dados foram a observação e a entrevista, com a participação de professores e alunos. Esse estudo teve como base teórica a contribuição de Vigotsky (1998), Oliveira (2011), Rego (1995), Kishimoto (2005), Brougère (2008), Ariès (1981) entre outros. A resposta encontrada nos mostra que a importância das brincadeiras tem sido negligenciada nas práticas educacionais, sendo inseridas apenas nos momentos livres ou como passa tempo.

Palavras-chaves: 1. Educação Infantil. 2. Brincadeiras. 3. Ensino e aprendizagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. ORIGEM E IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS INFANTIS.....	14
2. A BRINCADEIRA E O DESENVOLVIMENTO NA ABORDAGEM SÓCIO- HISTÓRICA.....	18
3. BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL.....	20
4. BRINQUEDO E JOGOS EDUCATIVOS.....	22
5. A CONTRIBUIÇÃO DA BRINCADEIRA PARA O DESENVOLVI- MENTO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA	25
6. O PAPEL DA BRINCADEIRA E DO JOGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	31
7. O PAPEL DO EDUCADOR	35
8. A BRINCADEIRA NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	39
8.1 CRIANÇAS, PROFESSORES E A BRINCADEIRA	45
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
10. REFERÊNCIAS	55

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu da necessidade de aprimoramento de nossos conhecimentos em relação ao que a brincadeira pode proporcionar, no contexto escolar da educação infantil, especialmente suas implicações em relação ao desenvolvimento das crianças.

O interesse pela questão foi reforçado quando vivenciamos, por meio do estágio, situações no cotidiano escolar que nos indicaram que a brincadeira é de suma importância para os alunos, em função da observação das crianças bem como, pelo grande volume de trabalhos teóricos apontando suas contribuições no referido cotidiano.

Mas a dúvida é: como estão inseridas no cotidiano da educação infantil? O professor deve mediar? Como deve ser esta mediação? Qual a contribuição da brincadeira para o desenvolvimento das crianças?

Em relação à nossa vivência nos estágios, acompanhamos o trabalho dos professores e observando algumas situações em que os mesmos entregavam uma caixa contendo vários tipos de brinquedos doados pelos próprios alunos e pela comunidade e nesses momentos constatamos que a brincadeira era livre e cada um seguia para um canto da sala. As crianças soltavam a imaginação e brincavam de forma diversificada da “casinha com pai, mãe, filho e cachorro” ao “policia que matava o bandido”.

Algumas dúvidas surgiram a partir do que observamos. Por exemplo, quando a criança brincava de bandido e policial, nos questionamos: qual a contribuição positiva que matar o ladrão pode ter na vida desta criança? Não seria interessante neste momento algum adulto fazer alguma intervenção?

A necessidade de informação, em função de várias interrogações surgidas, parece apontar que o caminho, ainda é promissor com relação à necessidade não só, da busca de informações que nos possibilitem ampliar nosso referencial teórico, mas também buscar, apoiadas na teoria, novas possibilidades de intervenção junto às crianças aproveitando as inúmeras

situações cotidianas envolvendo a brincadeira, bem como, as diversas possibilidades de expressão e interação que a mesma oferece e que parecem não serem devidamente explorados.

Com base em informações recebidas e pesquisadas ao longo do curso de pedagogia, abordamos neste trabalho a contribuição das brincadeiras, como fator fundamental ao desenvolvimento das aptidões físicas e mentais da criança, sendo um recurso facilitador para que estabeleçam vínculos sociais com seus semelhantes, aprendam a viver em sociedade além de possibilitar a expressão de sentimentos e a imaginação dentre outros.

Borba 2005 relata que:

A experiência do brincar cruza diferentes tempos e lugares, passado, presente e futuro, sendo marcada ao mesmo tempo pela continuidade e pela mudança. A criança, pelo fato de se situar em um contexto histórico e social, ou seja, em um ambiente estruturado a partir de valores, significados, atividades e artefatos construídos e partilhados pelos sujeitos que ali vivem, incorpora a experiência social e cultural do brincar por meio das relações que estabelecem com os outros – adultos e crianças. (BORBA, 2005, p. 34).

Vemos assim, que na brincadeira a criança retrata a sua realidade, expressa seus medos e conflitos e por meio dela transmite todo o seu aprendizado ao incorporar papéis diferentes da sua posição, além de demonstrar que a imaginação e criatividade fazem parte deste mundo que é só delas, onde o contexto varia de acordo com a situação que lhes convém ou que julgam ser mais adequada ao momento.

Desde muito cedo a brincadeira está inserida na vida da criança. Sendo assim torna-se um fator importante para o seu desenvolvimento e aprendizado.

A brincadeira é fundamental em todos os aspectos do desenvolvimento das crianças, deve ser utilizada como instrumento de informação, portanto, deve ser associada às atividades cotidianas da educação infantil.

Para que a brincadeira seja devidamente explorada no cotidiano das instituições de educação infantil, se faz necessário que o professor tenha

consciência da sua importância como aspecto fundamental para o desenvolvimento afetivo, cognitivo e sociocultural da criança.

É através da brincadeira que a criança aprende a conhecer e a explorar o mundo que a rodeia. Nesse sentido a criança, quando brinca, tem o sentimento de liberdade podendo assim criar, inventar e tentar.

Na brincadeira as crianças têm novas possibilidades de inovação e criação dentro de seu universo infantil, desenvolvendo assim sua personalidade, habilidades, atitudes, ações e aprendem a conviver socialmente.

Desta forma partimos das seguintes questões de investigação: **Como as brincadeiras têm sido inseridas no cotidiano escolar infantil? O que os professores pensam sobre? Qual o olhar deles sobre o assunto abordado? Como possibilitam? Fazem intervenções? O que a brincadeira possibilita?**

Na busca de respostas para as questões apresentadas, o objetivo geral deste trabalho é compreender o papel atribuído à brincadeira no cotidiano escolar infantil em função da constatação de sua importância para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças apontadas por inúmeros autores.

A partir do objetivo geral, notamos outras necessidades na qual colocamos a seguir os objetivos específicos:

Os objetivos específicos deste presente trabalho é compreendermos os valores que as brincadeiras e jogos têm para a educação infantil, e sua importância no processo da construção do conhecimento e aprendizagem da criança, sendo assim buscaremos também:

- Observar as situações de brincadeiras buscando conhecer como as mesmas são trabalhadas no contexto escolar da Educação Infantil.
- Verificar como a brincadeira contribui para promoção dos processos interativos da criança no ambiente escolar.
- Compreender o papel da brincadeira no desenvolvimento infantil e sua utilização como ferramenta pedagógica.

Este trabalho tem como investida teórica, resultante de uma pesquisa bibliográfica, que se sustentou na contribuição de Vigotsky, e seus seguidores de forma a esclarecer seus conceitos e atribuídos na prática na educação infantil.

A metodologia utilizada foi uma abordagem qualitativa, os instrumentos utilizados durante a pesquisa de campo para a coleta de dados foram à observação e a entrevista, os sujeitos participantes do estudo foram os professores e as crianças. O estudo realizou-se em uma escola pública CMEI de educação infantil, situado no município de Serra.

Neste capítulo a brincadeira e a criança, destacamos a importância da brincadeira na vida da criança e as implicações no processo de desenvolvimento infantil e fonte de aprendizado.

No capítulo 2 abordamos a origem e importância dos jogos e brincadeiras infantis, relatando aspectos das brincadeiras infantis no início do século XVIII e suas mudanças até o início do século XX.

Abordaremos a brincadeira e o desenvolvimento na abordagem sócio-histórica, neste capítulo constatamos que Vigotsky é um importante psicólogo do nosso século e suas obras são de grande contribuição para a área da educação e nos mostram diferentes modos de entender a educação, em especial a brincadeira.

O capítulo breve histórico da educação infantil no Brasil, abordamos como surgiu a educação infantil, com que propósito e quais as mudanças decorrentes deste processo nesta primeira fase escolar tão importante para a criança.

No capítulo 5 referente aos brinquedos e jogos educativos, tratamos das características de uma imagem transferida para o objeto usado na brincadeira, e como os brinquedos e jogos educativos são utilizados com fins pedagógicos favorecendo o desenvolvimento infantil e aprendizagem.

Neste capítulo a contribuição da brincadeira para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, demonstramos que, mesmo a brincadeira sendo considerada tão importante, algumas escolas ainda a separam do contexto

escolar. A mesma fornece atributos a diversas áreas do desenvolvimento infantil como: o desenvolvimento mental, físico e social, atuando de forma significativa.

No capítulo 7 relacionado ao papel da brincadeira e do jogo na educação infantil, aponta o jogo e a brincadeira como uma atividade simbólica importante da infância.

Neste capítulo o papel do educador, faz referência ao papel do professor atuando como mediador e responsável em criar um ambiente adequado, com materiais e recursos necessários para que este processo de criação, imaginação, fantasia e interação social aconteça.

Nos capítulos 9 e 10 destacamos os dados da pesquisa de campo trazendo os aspectos observados ao longo de nosso estudo, bem como aspectos da entrevista com os sujeitos participantes que foram professores e alunos.

Para finalizar apresentaremos as considerações finais, na qual encontramos respostas para nosso questionamento a respeito do tema abordado.

1. ORIGEM E IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRICADEIRAS INFANTIS

A brincadeira é uma palavra associada à infância e às crianças, sendo assim os inúmeros trabalhos que a abordam demonstram suas implicações no processo de desenvolvimento infantil apontando o brincar como um importante processo psicológico, fonte de desenvolvimento e aprendizagem.

O brincar proporciona liberdade para a imaginação e a fantasia, formas pelas quais interagem com a realidade, criando assim novas possibilidades de ações, interpretação e expressão pelas crianças, contribuindo também para novas formas de relação sociais com outros sujeitos.

As crianças quando brincam de ser pai, mãe, médico, etc., refletem sua relação com os outros e tomam consciência de si e do mundo, com o brincar as crianças criam uma nova visão sobre o mundo e fazem história.

Segundo Brougère (apud KRAMER, 1998, p. 181), “A brincadeira é uma mutação de sentido, da realidade: as coisas tornam-se outras. É um espaço à margem da vida comum, que obedece a regras criadas pela circunstância”.

Sendo assim, quando a criança brinca com um objeto, o mesmo pode ser diferente do que aparenta, mas seu comportamento será idêntico aos de suas experiências cotidiana, de maneira que a brincadeira terá uma sequência de regras a seguida por seus participantes. Na brincadeira, a criança aprende a se conhecer e interpretar o mundo que a rodeia.

A brincadeira traz em si uma contribuição histórica, que poderemos compreender ao analisarmos como é vista e utilizada em cada contexto.

Segundo Ariès (1981), no início do século XVII, não existia separação entre brincadeiras de crianças e adultos, como as que existem hoje em que as brincadeiras e os jogos são reservados às crianças.

Durante muitos séculos o cuidado e a educação das crianças pequenas eram tarefas de responsabilidade da família, sendo assim, logo após o desmame a

criança era vista como pequeno adulto, passando então por um período de dependência até que aprendesse o básico para sua integração no meio social.

As crianças de quatro a cinco anos ao mesmo tempo em que brincavam de boneca, já participavam de jogos de cartas, xadrez, praticavam o arco e aos seis anos participavam de jogos como os de raquetes e inúmeros jogos de salão. Essas brincadeiras também eram praticadas pelos jovens e adultos. Ao completar sete anos a criança abandona o traje da infância, deixando suas brincadeiras e bonecas, pois já não era vista como criança e sim como adulto, sua educação era entregue aos cuidados dos homens e essa idade marcava a etapa em que a criança entrava na escola ou começava a trabalhar.

De acordo com Ariès (1981):

Por volta de 1600, a especificação das brincadeiras atingia somente à primeira infância; depois de três ou quatro anos, ela se atenuava e desaparecia. A partir dessa idade, a criança jogava os mesmos jogos e participava das mesmas brincadeiras dos adultos, quer entre crianças quer misturada aos adultos. (ARIÈS, 1981, p. 49).

Os jogos e brincadeiras na sociedade antiga eram um dos principais meios das pessoas se divertirem coletivamente e estarem unidos. Com isso as crianças e jovens participavam em pé de igualdade com os outros membros da sociedade.

O mesmo autor descreve que na sociedade antiga surgem dois aspectos importantes, mas contraditórios, com relação a esses jogos e brincadeiras. De um lado os jogos e as brincadeiras eram vistos sem nenhuma discriminação pela grande maioria, por outro lado, uma minoria poderosa e culta de moralistas rigorosos condenavam e denunciavam a imoralidade desses jogos. Essa indiferença moral por parte da maioria e a intolerância por parte de uma elite de educadores continuou ainda por muito tempo.

Ao longo do século XVII, sob a influência dos jesuítas, os humanistas do renascimento, perceberam as possibilidades que os jogos proporcionavam em relação à educação. Os jesuítas os implantaram em seus colégios e foram os responsáveis em mostrar as pessoas de bem e amantes da ordem uma opinião menos radical com relação aos jogos (ARIÈS, 1981).

Os padres compreenderam que era importante introduzir os jogos em seus programas, sendo uma forma de escolhê-lo, regulamentá-lo e controlá-lo, e assim os jogos reconhecidos como bons era recomendados como meios de educação e estimados como estudo. Além dos jogos, admitiram também à ginástica, pois foram percebendo que os jogos que as crianças mais gostavam eram aqueles em que o corpo estava em movimento.

Kishimoto (2000):

Ao observar as brincadeiras infantis e a capacidade imaginativa da criança, o século XVIII erige o conhecimento da criança como via de acesso à origem da humanidade. Supondo existir uma equivalência entre povos primitivos e a infância, poder-se-ia entender a infância como idade do imaginário, da poesia, à semelhança dos povos dos tempos da mitologia. (KISHIMOTO, 2000, p.30)

No século XVIII as brincadeiras infantis dão oportunidade para que a criança construa novos conhecimentos, sendo assim podemos entender que a infância é vista como a idade da imaginação e que o jogo é uma conduta espontânea, livre, sendo uma expressão infantil.

No final do século XIX e início do século XX, a tendência volta-se para o mundo das relações, busca-se explicações para o desenvolvimento humano e a mudança de comportamento. Ao focarem a relação procuram compreender as características do indivíduo (fatores biológicos) e seu conhecimento (sociais) que vão sendo construídos a partir das relações interpessoais em que se envolvem.

As relações não alteram só o modo de vida do indivíduo como também suas formas de pensamentos, de maneira que a conduta da criança, inclusive suas brincadeiras vão sendo construídas através dos processos sociais.

Nesse sentido, no jogo a ação da criança é espontânea e natural, proporcionando liberdade e prazer e já antecipa sua relação com a educação.

Segundo Claparède (apud KISHIMOTO, 2000, p. 31), o jogo infantil desempenha papel importante como motor do autodesenvolvimento e, em consequência, método natural de educação e instrumento de desenvolvimento.

Os inúmeros trabalhos já citados não deixam dúvidas da importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil, entretanto, acreditamos ser fundamental abordarmos especificamente a visão da teoria sócio-histórica a respeito da referida questão.

2. A BRINCADEIRA E O DESENVOLVIMENTO NA ABORDAGEM SÓCIO-HISTÓRICA

Com base nas pesquisas de Rego (1995), podemos constatar que Vygotsky hoje é considerado como um dos mais importantes psicólogos do nosso século. E com que rapidez suas ideias vem sendo espalhadas, discutidas e valorizadas. Suas obras são de grande contribuição para à área da educação, por trazerem importantes reflexões sobre o processo psicológico humano e oferecerem importantes elementos para compreendermos a integração entre ensino, aprendizagem e desenvolvimento.

A abordagem histórico-cultural nos mostra um diferente modo de entender a educação. Para Vigotsky, o organismo (biológico) e o meio (social) exercem influências recíprocas, portanto não se separam. Nesse sentido, o homem constitui-se através de suas interações sociais, pode ser visto como alguém que transforma e é transformado, e isso ocorre por meio de suas relações sociais.

Nessa abordagem destaca-se que o que ocorre não é a somatória entre os fatores inatos e adquiridos, mas sim interação dialética, pois ocorre desde o nascimento entre o ser humano e o meio social e cultural, na qual ele está inserido. Sendo assim ao nascer à criança vai aprender de acordo com a sua interação com o adulto e com os objetos que serão oferecidos, de maneira que o indivíduo e meio influenciam-se reciprocamente.

Diante do exposto, podemos afirmar que os indivíduos estão em constante mudança, portanto, a cada mudança no ambiente, costumes, dentre outras, alteram seu modo de agir, de pensar e de interagir com outras pessoas, pois na concepção histórico-cultural o homem transforma e ao mesmo tempo é transformado e essa transformação dialética ocorre desde o seu nascimento.

Tratando-se especificamente da brincadeira, é importante ressaltar que Vygotsky dedicou-se com maior ênfase ao jogo de papéis ou à brincadeira de faz de conta, característica nas crianças que já utilizam a linguagem, já são

capazes de representar simbolicamente e de envolverem-se em situações imaginárias.

No olhar de Vigotsky, ao brincar a criança coloca em prática desejos não realizados através da fantasia e imaginação. O faz de conta proporciona a criança encenar a realidade utilizando regras de comportamento constituídas e transmitidas.

Oliveira (2011) nos aponta que:

Ao brincar, a criança envolve-se em um mundo ilusório e imaginário em que os desejos não realizáveis podem ser realizados. Ela desenvolve formas de motivação propriamente humanas através da criação de uma situação de faz de conta na qual ela encena a realidade utilizando regras de comportamentos socialmente constituídas e transmitidas. (OLIVEIRA, 2011, p.77).

A brincadeira oportuniza a criança a refletir sobre as regras existentes, sendo assim, ela passa a compreender o seu papel e do seu parceiro. Com isso ultrapassa a sua realidade diária, experimentando um modelo diferente, transformando-se em mediador de novas ações.

Vigotsky defende que brincar constitui uma “zona de desenvolvimento proximal” para a criança, pois ao desempenhar com fidelidade aquilo que observa na realidade em que se encontra inserida faz com que sua ação demonstre um nível superior ao que se encontra, ou como aponta o autor, no “brinquedo a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário: no brinquedo é como se fosse maior do que é na realidade”. (VIGOTSKY, 1984, p. 117).

Pelos aspectos apontados pela teoria sócio-histórica, bem como por autores apoiados nessa ou em outras abordagens que estudam o desenvolvimento infantil é indiscutível o papel da brincadeira na vida da criança, entretanto, por termos como questão central o conhecimento da inserção da brincadeira no cotidiano das instituições de educação infantil, voltaremos também nosso olhar para as mesmas.

3. BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Para melhor compreender a educação infantil é preciso saber como surgiu, com que propósito e quais as mudanças decorrentes deste processo. Nosso interesse pela pesquisa começou ao adentrarmos nesse âmbito escolar e na necessidade de compreendermos a importância dessa primeira fase escolar da criança e como atua na formação da mesma.

A educação das crianças pequenas em espaços institucionalizados é relativamente nova. Esse atendimento surgiu no final do século XIX com o objetivo de cuidar das crianças para que as mães pudessem trabalhar e ajudar na renda familiar.

O atendimento era feito em creches de caráter assistencialista, com a função básica de guarda, higiene, alimentação e outros cuidados. Esses cuidados estavam predeterminados às crianças de classe popular e por isso o profissional que ali trabalhava não precisava ser professor.

A modificação dessa tradição em nosso país se deu a partir da Constituição de 1988, determinando a Educação Infantil como dever do Estado brasileiro. A partir daí a Educação Infantil passou a ser vista como direito da criança, facultativo à família e não como direito apenas da mãe trabalhadora (artigo 208, inciso IV).

Devido a este e outros acontecimentos ligados à educação infantil, seus profissionais passaram a ter mais legitimidade e essa etapa passou a ser objeto de planejamento, legislação e de políticas sociais e educacionais específicas.

Reafirmando essas mudanças, a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96 promulgada em dezembro 1996, estabelece de forma incisiva o vínculo entre o atendimento a crianças de zero a seis anos e a educação e destaca que a educação infantil é considerada a primeira etapa da educação básica (título V, capítulo II, seção II, art. 29), tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até seis anos de idade.

No ano de 1998, o MEC editou o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), que trouxe metas de qualidade para o desenvolvimento da criança a partir da ideia de desenvolvimento integral, que abrange necessidades físicas, emocionais e intelectuais.

Em 2009 o Conselho Nacional de Educação (CNE) publicou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), contemplando propostas pedagógicas, que devem respeitar os seguintes princípios: a) Princípio Ético da Autonomia, da Responsabilidade, da Solidariedade e do Respeito ao Bem Comum; b) Princípio Político dos Direitos e Deveres de Cidadania, do Exercício da Criticidade e do Respeito à Ordem Democrática; c) Princípio Estéticos da Sensibilidade, da Criatividade, da Ludicidade e a Diversidade de Manifestações Artísticas e Culturais.

O trabalho em Educação Infantil tem como eixo norteador a tríade educar, cuidar e brincar – ações essas indissociáveis que visam garantir às crianças condições para que exerçam seus direitos como sujeitos ativos e em processo de desenvolvimento, assegurando o respeito pela individualidade e capacidades.

Os educadores infantis sabem da dificuldade da tarefa de cuidar e educar, pois há uma imensa complexidade no processo de educação e de cuidado de seres humanos. É necessário paixão, reflexão, criatividade, desenvoltura, planejamento e informação, porque esses professores serão mediadores no processo de construção do conhecimento das crianças no que se refere às formas de relações sociais, às habilidades e postura que lhes serão fundamentais por toda a vida.

Refletir sobre a educação infantil implica levar em consideração a criança, como sujeito desejante, ativo, cognoscente, filiado a determinado grupo social e familiar e, portanto um sujeito histórico, condicionado a determinantes socioculturais. Um sujeito em sua maneira de ser e estar no mundo e de adaptar-se, ao mesmo tempo em que precisa instrumentalizar-se para modificar e reconstruir sua própria realidade.

4. BRINQUEDO E JOGOS EDUCATIVOS

O brinquedo diferente do jogo presume uma relação íntima com a criança e tem por característica essencial de ser uma imagem transferida para um objeto usado na brincadeira. Através do brinquedo a criança é estimulada a liberar sua imaginação. Esta ação se dá por meio do ato do brincar, é a criança quem determina como irá usá-lo, independente das regras previamente instituídas pelo meio social e cultural, ao qual ela esta inserida.

Uma boneca permite à criança várias formas de brincadeiras, desde a manipulação até a realização da brincadeira como “mamãe e filhinha”. O brinquedo estimula a representação, a expressão de imagens que evocam aspectos da realidade. Ao contrário, jogos, como xadrez e jogos de construção exigem, de modo explícito ou implícito, o desempenho de certas habilidades definidas por uma estrutura preexistente no próprio objeto e suas regras. (KISHIMOTO, 2000, p.18).

A brincadeira coloca a criança diante do que existe em seu cotidiano, onde os objetos reais são substituídos, para que possam ser manipulados como, por exemplo, quando as crianças brincam de “casinha, fogãozinho”, utilizando instrumentos para preparar a comidinha e durante a arrumação da casa, demonstrando em suas ações o que vivem em sua realidade cotidiana.

Envolve uma situação imaginária. Nesse contexto a brincadeira já contém regras de comportamento previamente estabelecidas pelo meio ao qual ela vive embora não sejam regras formais. A criança quando brinca imagina-se como sendo a mãe e a boneca como sua filha, fazendo uso de regras comportamentais mesmo sem ter consciência de seus atos, e é na brincadeira que a criança aprende a agir, dependendo das motivações, tendências e dos incentivos fornecidos pelos objetos.

A concepção do brinquedo propriamente dito é concebida pelos fabricantes dentro do contexto sócio cultural em que a criança está inserida, deste modo o brinquedo introduz imagens que variam de acordo com cada cultura.

A cultura vai influenciar a visão de vida de cada um, orientando o fazer e o imaginar individual e interferindo na própria educação da

sensibilidade, ampliando ou congelado suas possibilidades. A cultura torna-se parte da natureza humana. É através das relações dialéticas como meio físico e social que a criança constrói seu pensamento, transformando os processos psicológicos elementares em processos complexos, fazendo com que a cultura torne-se parte de cada pessoa. (VIGOTSKY, apud DIAS, 2000, p. 53).

A imagem da infância está associada a todo um contexto de valores e ideais da sociedade, na qual remetem os adultos a incorporarem as memórias de seu tempo de criança, refletindo assim uma visão idealizada do passado, com seus valores, modos de pensar e agir.

O brinquedo educativo teve início nos tempos do Renascimento, mas só ganhou força a partir deste século e sua propagação ocorreu na Educação Infantil, como um recurso didático.

O brinquedo é um instrumento utilizado para desenvolver e ensinar a criança com mais prazer durante o aprendizado.

Entendido como recurso que ensina, desenvolve e educa de forma prazerosa, o brinquedo educativo materializa-se no quebra cabeça, destinado a ensinar formas ou cores, nos brinquedos de tabuleiro que exigem a compreensão do número e das operações matemáticas, nos brinquedos de encaixe, que trabalham noções de sequência, de tamanho e de forma, nos múltiplos brinquedos e brincadeiras, cuja concepção exigiu um olhar para o desenvolvimento infantil e a materialização da função psicopedagógica: móveis destinados à percepção visual, sonora ou motora; carinhos munidos de pinos que se encaixam para desenvolver a coordenação motora, parlendas para a expressão da linguagem, brincadeiras envolvendo músicas, danças, expressão motora, gráfica e simbólica. (KISHIMOTO, 2000, p.36).

Os brinquedos e jogos educativos são utilizados com fins pedagógicos e como instrumentos para criação de situações que favorecem o desenvolvimento infantil e a aprendizagem, nessas situações a criança constrói conceitos, aprende a interagir socialmente e a expressar seu afeto.

O documento Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Vol.2, p.50 orienta que:

O professor poderá organizar situações nas quais as crianças conversem sobre suas brincadeiras, lembrem-se dos papéis assumidos por si e pelos colegas, dos materiais e brinquedos usados, assim como do enredo e da sequência de ações. Nesses momentos, lembrar-se sobre o que, com quem e com o que brincaram poderá ajudar as crianças a organizarem seu pensamento e emoções, criando condições para o enriquecimento do brincar.

A criança quando manipula o objeto, desempenha uma ação física, mental e social, que contribui para o seu aprendizado e desenvolvimento. Essas situações lúdicas devem ser bem orientadas, planejadas e observadas pelo professor, pois é o professor/mediador que será o responsável em estimular e desafiar a criança nesse processo de ensino e aprendizado.

5. A CONTRIBUIÇÃO DA BRINCADEIRA PARA O DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

De acordo com Borba (2005), a brincadeira é uma palavra que está ligada à infância e às crianças.

A mesma autora pondera que:

Nesse aspecto, a significativa produção teórica já acumulada afirmando a importância da brincadeira na constituição dos processos de desenvolvimento e de aprendizagem não foi capaz de modificar as ideias e práticas que reduzem o brincar a uma atividade à parte, paralela, de menor importância no contexto da formação escolar da criança. (BORBA, 2005, p.34).

Mesmo a brincadeira sendo considerada de grande importância para o desenvolvimento infantil, algumas escolas ainda separa a brincadeira do contexto de ensino, utilizando-a apenas como diversão e passa tempo no período escolar.

Estudos do desenvolvimento infantil apontam que o brincar é um importante processo psicológico, fonte de desenvolvimento e aprendizagem. Vigotsky, Um dos principais representantes dessa visão escreve:

[...] o brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos. (VYGOTSKY, apud BORBA, 2005).

Ao brincar a criança cria, imagina, inventa e estabelece regras. Por meio da brincadeira ela cria oportunidades para expor seus problemas, dúvidas e viver papéis diferentes, interpretando as informações adquiridas no seu cotidiano e adaptando-as de acordo com a sua criatividade.

A brincadeira permite a criança demonstrar seus medos e inseguranças na qual, procura vencer suas limitações. A interação com outras pessoas contribui

para a troca de informações, cria laços de afetividade e amizades, na qual juntas vivenciam novas oportunidades de brincar.

Borba (2005), defende que tal concepção se afasta da visão predominante da brincadeira como atividade restrita à assimilação de códigos e papéis sociais e culturais, cuja função principal seria facilitar o processo de socialização da criança e a sua integração a sociedade.

A brincadeira oferece para a criança um momento no qual ela determina através da sua imaginação, fantasia, criatividade e realismo e altera de acordo com a sua necessidade e vontade. Neste momento lhe é permitido juntar o real com o imaginário, adequando ou não a concepção aprendida ao mundo real, na qual ela vive e convive com outras pessoas sem haver intervenção de um adulto.

Ainda sobre o ato de brincar, encontramos em Oliveira (2008) a afirmação que esta proporciona uma mudança “significativa na consciência infantil” pelo fato de ajudar as crianças a ver o mundo de uma maneira mais complexa.

Oliveira (2008) descreve que:

Por meio da brincadeira, a criança pequena exercita capacidades nascentes, como as de representar o mundo e de distinguir entre pessoas, possibilidades especialmente pelos jogos de faz-de-conta e os de alternância, respectivamente. Ao brincar, a criança passa a compreender as características dos objetos, seu funcionamento, os elementos da natureza e os acontecimentos sociais. Ao mesmo tempo, ao tomar o papel do outro na brincadeira, começa a perceber as diferentes perspectivas de uma situação, o que lhe facilita a elaboração do diálogo interior característico de seu pensamento verbal. (OLIVEIRA, 2008, p.160).

Reforça ainda que quando as crianças pequenas brincam de serem “outros” (pai, mãe, médico, monstro, fada, bruxa, ladrão, policial, herói, etc.), refletem sobre suas relações com esses outros e tomam consciência de si e do mundo, estabelecendo outras lógicas e fronteiras de significação da vida. O brincar envolve, portanto, complexos processos de articulação entre o já dado e o

novo, entre a experiência, a memória e a imaginação, entre a realidade e a fantasia.

Vygotsky (apud BORBA, 2005) defende que:

[...] nesse novo plano de pensamento, ação, expressão e comunicação, novos significados são elaborados, novos papéis sociais e ações sobre o mundo são desenhados, novas regras e relações entre os objetos e os sujeitos, e desses entre si, são instituídas. (VIGOTSKY, apud BORBA, 2005).

É assim que galhos de árvores se transformam em espada de grandes guerreiros que estão defendendo o seu castelo, onde pedaços de pano viram capas de super-heróis, areia vira bolo e comidinha, papéis são trocados, onde a criança passa a ser: mãe, pai, professora, médica, policial, etc.

Borba (2005), diz que é importante ressaltar que a brincadeira não é algo pronto na vida do ser humano, ou seja, aprende-se a brincar, desde cedo, nas relações interpessoais que estabelecemos com os outros e com a cultura. O brincar envolve múltiplas aprendizagens e supõe também o aprendizado de uma forma particular de relação com o mundo marcada pelo distanciamento da realidade da vida comum, ainda que nela referenciada.

As brincadeiras de imaginação/fantasia, por exemplo, exigem que seus participantes saibam e compreendam o que está sendo feito e não apenas fazem por fazer sem compreender, caso isso ocorra à brincadeira não tem continuidade para prosseguir. Quando as crianças brincam de luta, é preciso que elas saibam que aqueles gestos e movimentos corporais “fingem” uma luta, e não podem ser usados de forma verdadeira, pois estariam causando dor e machucando o colega, que desta forma não seria uma brincadeira e sim uma briga. A brincadeira é um espaço de “mentirinhas”, no qual os sujeitos têm controle da situação.

Outro aspecto a ressaltar segundo o autor, é que os modos de comunicar característicos da brincadeira constituem-se por novas regras e limites imposto pelos participantes na qual se diferencia da comunicação habitual. Esses limites são definidos pelo compromisso com o reconhecimento do brincar com outra realidade, uma nova ordem, seja no contexto dos jogos de faz de conta, em que as situações e regras são estabelecidas pelos significados imaginados e criados nas interações entre as crianças, seja no plano dos jogos/brincadeiras como regras preexistentes (bola de gude, amarelinha, etc.) (BORBA, 2005).

É ainda Borba (2005) quem ressalta que:

É importante enfatizar de que o modo de comunicar próprio do brincar não se refere a um pensamento ilógico, mas a um discurso organizado com lógica e características próprias, no qual permite que as crianças transponham espaços e tempos e transitem entre os planos da imaginação e da fantasia, explorando suas contradições e possibilidades. (BORBA, 2005, p.38).

Assim a informalidade das brincadeiras possibilita a construção e a ampliação de competências e conhecimentos nos planos da cognição e das interações sociais, o que certamente irá contribuir para a elaboração e aquisição de conhecimentos no processo de aprendizagem e desenvolvimento formal da criança.

A brincadeira é um lugar de construção de culturas fundado nas interações sociais entre as crianças. É fator contribuinte para a socialização. À vontade e o desejo de partilhar sua imaginação e fantasia com o outro, o faz entender que é possível conviver com o próximo e passa a aceitar que é preciso partilhar o espaço, brinquedos e compreender que é preciso respeitar a vontade do outro para que a brincadeira flua de forma harmoniosa.

Com essa atitude as crianças estabelecem laços de sociabilidade e constroem sentimentos e atitudes de solidariedade e de amizade. É importante demarcar que no brincar as crianças vão se constituindo como agentes de sua

experiência social, organizando com autonomia suas ações e interações, elaborando planos e formas de ações conjuntas, criando regras de convivência social e de participação nas brincadeiras.

Brincar com outro, portanto, é uma experiência cultural e um complexo processo interativo e reflexivo que envolve a construção de habilidades, conhecimentos e valores sobre o mundo.

Segundo Bomtempo (2000, p.64):

O brincar tem sua origem na situação imaginária criada pela criança, em que desejos irrealizáveis podem ser realizados, com a função de reduzir a tensão e, ao mesmo tempo, para constituir uma maneira de acomodação a conflitos e frustrações e para Piaget (1971), o brincar representa uma fase no desenvolvimento da inteligência, marcada pelo domínio da assimilação sobre a acomodação, tendo como função consolidar a experiência passada.

Portanto brincando, a inteligência da criança e sua sensibilidade estão sendo desenvolvidas. Assim, a presença de atividades lúdicas na prática educativa articula-se duas formas: uma espontânea e outra dirigida. Em ambas percebe-se a função educativa.

A brincadeira espontânea é constituída pelo brincar do cotidiano da criança, que flui e é natural dela, sem nenhum comprometimento com a produção de resultados pedagógicos.

Já a brincadeira dirigida, é utilizada como atividade que tem objetivo específico de promover a aprendizagem de um determinado conceito, além de serem marcadas pela intencionalidade do educador.

Independente de como seja a brincadeira, espontânea ou dirigida ela influencia no processo de aprendizagem e no desenvolvimento psicológico, permitindo a

expressão e a compreensão das emoções como também o resgate cultural do educando.

Reconhecemos então a importância da brincadeira e a atividade lúdica dentro do contexto escolar, para ajudar no desenvolvimento cognitivo, psicológico e motor das crianças. Pelas brincadeiras podemos detectar problemas ou situações pelas quais a criança está passando e podemos assim ajudá-la.

Os adultos têm dificuldade de reconhecer os direitos de brincar e que brincar é o trabalho da criança. Brincar é uma necessidade de todas as crianças em todo o mundo, mesmo nas mais terríveis condições de dificuldade, pobreza e proibição, brincam.

Brincando é que a criança organiza o mundo, domina papéis e situações e se prepara para o futuro.

6. O PAPEL DA BRINCADEIRA E DO JOGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Tomando como referência os estudos de Vygotsky (1988) sobre a brincadeira constatamos que o jogo é apontado como a atividade simbólica mais importante da infância, por possibilitar a expressão da situação imaginária, onde a criança demonstra as experiências adquiridas no contexto social.

Outro aspecto importante na obra do autor é a constatação da visão de criança como sujeito ativo e criativo e o papel do adulto na zona de desenvolvimento proximal, aspectos que demonstram que Vygotsky não concorda com a dicotomia jogo e educação.

Brougère (2008) ao tratar especificamente da brincadeira humana, reforça a importância do contexto social e cultural e enfatiza que é preciso romper com o mito da brincadeira natural.

A brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto de cultura. É preciso partir dos elementos que ela vai encontrar seu ambiente imediato, em parte estruturado por seu meio, para se adaptar às suas capacidades. A brincadeira pressupõe uma aprendizagem social. Aprende-se a brincar. (BROUGÈRE, 2008, p. 98).

Com base nas pesquisas de Kishimoto ao analisar a obra de Bruner, podemos constatar que a brincadeira é de fundamental importância para aquisição de padrões de comportamento dentro do grupo. A criança ao observar o adulto tende a imitar o seu comportamento e a se expressar através do brincar, nesse sentido a brincadeira é um fator importante para o desenvolvimento e aprendizagem, assim como para solução de problemas.

Rego apoiada em Vigotsky, diz que:

O desenvolvimento e a aprendizagem estão inter-relacionados desde o nascimento da criança. Como já mencionamos, desde muito pequenas, através da interação com o meio físico e social, as crianças realizam uma série de aprendizados. No seu cotidiano, observando, experimentando, imitando e recebendo instruções das

peessoas mais experientes de sua cultura, aprende a fazer perguntas e também a obter resposta para uma série de questões. (VIGOTSKY, apud REGO, 1995, p.76).

A brincadeira e o jogo ocorrendo em um ambiente onde não há pressão sobre a criança, possibilita tranquilidade emocional e segurança dos seus atos, podendo assim ter um melhor desenvolvimento e aprendizagem. A conduta lúdica dá a elas a oportunidade de experimentar novos comportamentos, sem reprimirem-se pelo medo serem punidas pelo erro.

De acordo Kishimoto (2002), pesquisas realizadas demonstram que a brincadeira contribui para o desenvolvimento mental. Durante a brincadeira lúdica a criança não teme o erro, nessa situação ela é incentivada a buscar soluções para resolver problemas, de forma a aceitar sugestões, mantendo a tranquilidade o que facilita o desenvolvimento e assimilação das informações transmitidas por meio da brincadeira, diminuindo a incidência de eventuais fracassos.

Bruner (apud KISHIMOTO, 2002, p.141), aponta a potencialidade da brincadeira para descoberta das regras e aquisição da linguagem. No brincar a criança compreende as regras que integram sequência de ações, verbalizações e pensamentos. Sendo assim a linguagem pode ser usada como uma ferramenta de reflexão, que vai possibilitar que a criança tenha percepção, iniciativa, e comunicação em suas relações interpessoais. Os jogos que envolvem contatos interativos com o adulto têm como objetivo central a troca de experiência do adulto para a criança, possibilitando oportunidade para o desenvolvimento da organização e exploração da linguagem como um todo. Durante a brincadeira a criança utiliza regras, signos, símbolos que funcionam como instrumentos de ação e pensamento. Com isso a criança será capaz de falar com o mundo e brincar com a mesma desenvoltura.

A brincadeira e o jogo quando mediado pelo professor / adulto, possibilita a criança a descobrir as regras e suas ações, sendo assim a criança será estimulada a tomar iniciativa e a buscar novas soluções. Com o surgimento de

novas ações durante a brincadeira a criança terá a possibilidade de criar, e recriar situações que se adequam de acordo com o jogo, e essa tentativa contribui para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança.

Brincar possibilita à criança refletir sobre as regras sociais e ficar consciente de seu papel e os de seus parceiros, conforme os examina na ação e toma o papel do parceiro (em geral indivíduos mais experientes) atribuindo seu próprio papel ao par, a uma boneca etc. Com isso, a criança ultrapassa seu comportamento diário, experimentando um dado modelo, inicialmente diferente de si, mas que é parte de sua rede de experiências sociais, e transformando-o em um mediador interno para novas ações. (OLIVEIRA, 2011, p.77).

Quando a criança brinca, por exemplo, de esconde - esconde durante a brincadeira ela tem a possibilidade de criar estratégias para encontrar os colegas escondidos, nesse processo ela desenvolve o cognitivo, estimula linguagem e aprende a solucionar os problemas que envolvem o jogo.

O professor da educação infantil deve explorar as situações proporcionadas pela brincadeira lúdica para trabalhar com as crianças, despertando nelas o desejo de exploração, estratégias e estímulo a criatividade.

Ao brincar, a criança não está preocupada com os resultados. É o prazer e a motivação que impulsionam a ação para explorações livres. A conduta lúdica, ao minimizar as consequências da ação, contribui para a exploração e a flexibilidade do ser que brinca, incorporando a característica que alguns autores denominam com futilidade, um ato sem consequência. Qualquer ser que brinca atrevese a explorar, a ir além da situação dada na busca de soluções pela ausência de avaliação ou punição. (KISHIMOTO, 2002, p.143).

Nas brincadeiras as crianças têm inúmeras possibilidades de exploração, e quando necessária uma pequena supervisão de um adulto para solucionar os problemas e o direcionamento da atividade. Cabe ao professor mediar e orientá-la, estritamente o necessário para que ela possa compreender a brincadeira, diminuindo o grau de liberdade, criando limites para o jogo, de maneira a controlar suas frustrações, mostrando soluções possíveis. Nesse sentido a mediação possibilita que a criança tenha aquisição de significados, e que possam tomar decisões.

Durante o brincar a criança tem diversas oportunidades para explorar a brincadeira, de maneira que o jogo dê liberdade para os participantes pensarem, falarem e serem eles mesmos. No brincar ela tem uma compreensão melhor da informação recebida, onde ela pode ser transformada ou recriada.

Os aspectos já apontados demonstram a importância e relevância da brincadeira na educação infantil, bem como do papel dos profissionais que nela atuam.

7. O PAPEL DO EDUCADOR

Segundo o RCNEI (1998), o professor na instituição infantil é o responsável em ajudar a estruturar o campo das brincadeiras na vida das crianças. Ele é quem irá organizar a sala, disponibilizando nela os objetos, fantasias, brinquedos, jogos, oportunizando assim material e recursos necessários para que as crianças brinquem.

Enquanto as crianças brincam os professores podem observar e apreender informações necessárias para compreender a capacidade das crianças em conjunto e de cada uma em particular, registrando suas capacidades de uso da linguagem, capacidades afetivas, emocionais e motoras que cada uma dispõe.

O papel do professor, também é reforçado por Rego, quando ressalta que:

Para que as brincadeiras infantis tenham lugar garantido no cotidiano das instituições educativas é fundamental a atuação do educador. É importante que as crianças tenham espaço para, brincar assim como opções de mexer no mobiliário, que possam, por exemplo, montar casinhas, tendas etc. [...] O educador pode, assim auxiliar não somente na organização do espaço e tempo para as brincadeiras como também auxiliar na escolha de utensílios para o incremento do jogo. (REGO, 1995, p.114).

É preciso escolher muito bem o material, observar sua adequação à faixa de idade das crianças a ser aplicado respeitando os interesses e preferências das crianças, deixando-os brincar livremente e explorar os brinquedos de forma a conhecê-lo, descobri-lo e compreendê-lo de forma que tenha significado para eles.

É importante que na educação infantil seja disponibilizado um espaço para que a criança possa: brincar, criar, inventar, fantasiar com liberdade. Os espaços devem ser planejados e organizados no sentido de possibilitarem diferentes experimentações e relações sociais, devem ser acolhedores, desafiadores,

mas também flexíveis. É fundamental que contribuam para a criação de brincadeiras autônomas e espontâneas.

A variedade de materiais possibilita que a criança ao brincar, recrie informações já estabelecidas, aumentando assim o seu conhecimento nas atividades espontâneas e imaginárias.

Ao distinguir a realidade e a fantasia, a criança expressa significados com a base em suas experiências e conduz a atividade imaginária motivada por ato voluntário. Ao expressar seus motivos, utiliza regras implícitas ou episódicas que mudam ao sabor de seus interesses, do que decorre a incerteza da atividade lúdica. As regras externas são postas pelo contexto social. (KISHIMOTO, 2005, p.52).

No jogo de papéis a criança assume papéis dos adultos com os quais ela tem uma relação social e interpretam suas atitudes, seu modo de agir e de falar. Neste momento o professor não deve interferir na brincadeira para não afetar sua atividade criadora, mas observar para conhecer e melhor compreender a criança e suas formas de pensar, interpretar, comunicar-se e agir sobre o mundo.

A não intervenção/contribuição do professor pode revelar um nível de aprendizado abaixo do esperado para a sua faixa de idade, demonstrando dificuldade para o seu desenvolvimento e relacionamento com outras crianças. A intervenção se faz necessário para que a criança não fique no mesmo tipo de brincadeira, e é necessário disponibilizar um ambiente estruturado e sem pressão para que ela possa brincar e interagir com outra criança.

No brincar, o envolvimento é intenso, a criança não se distrai, despende energia, um clima propício para a aprendizagem. Aqui convém utilizar a ZDP. Não se trata de dar uma aula, mas de aproveitar o interesse da criança, organizar o espaço e os materiais para que avance na exploração e se integre o brincar e a ação educativa com o suporte do adulto. (LEAVERS, apud KISHIMOTO, 2005).

Os professores devem procurar motivar seus alunos a procurarem novas brincadeiras possibilitando assim explorar novas experiências que não estejam

relacionadas com experiências já vividas. Exemplo vivenciar profissões que sejam diferentes das realizadas em círculo familiar.

Bruner (apud KISHIMOTO, 2002) diz ainda que:

Um ponto fundamental para educadores: a brincadeira livre contribui para liberar a criança de qualquer pressão. Entretanto, é a orientação, a mediação com adultos, que dará forma aos conteúdos intuitivos, transformando-os em ideias lógico-científicas, característica dos processos educativos.(BRUNER, apud KISHIMOTO, 2002, p.148).

A brincadeira livre deve ser intercalada com as outras de forma a ajudar as crianças em seu processo de construção do saber, é importante nesse momento a presença do mediador estimulando e orientando a criança a experimentar formar de organizar o pensamento, linguagem e fantasia.

Cabe ao professor proporcionar brincadeiras nas quais as crianças sejam estimuladas, tenham mais concentração, sejam mais interativas nas relações com os colegas e que favoreçam um diálogo melhor com o grupo. A brincadeira também pode ser incorporada no trabalho com os conhecimentos das várias áreas e expressões artísticas, entretanto é importante que não seja reduzida a um mero recurso didático.

É fundamental como apontam Campos e Rosemberg (2009) que sejam observados critérios para um atendimento que respeite os direitos fundamentais das crianças, proporcionando em relação ao direito à brincadeira:

Os brinquedos estão disponíveis às crianças em todos os momentos, Os brinquedos são guardados em locais de livre acesso às crianças, Os brinquedos são guardados com carinho, de forma organizada, As rotinas da creche são flexíveis e reservam períodos longos para as brincadeiras livres das crianças, As famílias recebem orientação sobre a importância das brincadeiras para o desenvolvimento infantil, Ajudamos as crianças a aprender a guardar os brinquedos nos lugares apropriados, As salas onde as crianças ficam estão arrumadas de forma a facilitar brincadeiras espontâneas e interativas, Ajudamos as crianças a aprender a usar brinquedos novos, Os adultos também propõem brincadeiras às crianças, Os espaços

externos permitem as brincadeiras das crianças, As crianças maiores podem organizar os seus jogos de bola, inclusive futebol, As meninas também participam de jogos que desenvolvem os movimentos amplos: correr, jogar, pular, Demonstramos o valor que damos às brincadeiras infantis participando delas sempre que as crianças pedem, Os adultos também acatam as brincadeiras propostas pelas crianças.(MEC, SEB, 2009).

O professor deve respeitar esses critérios, que são fontes para tornar o nosso olhar minucioso em relação aos registros dos cadernos diários, na busca de compreender e analisar como se dão as brincadeiras na educação infantil. Não basta proibir a brincadeira, a criança faz de cada momento a oportunidade de brincar com a autorização ou não do professor, ela cria e recria condições favoráveis a elas. Então professor, se é um direito porque proibir a brincadeira aproveite a oportunidade e brinque com eles, é a sua hora de aprender!

8. A BRINCADEIRA NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A presente pesquisa de campo ocorreu no CMEI Pequeno Polegar no bairro Barcelona, situado no município da Serra- ES, em sala de aula, e no pátio com crianças do grupo 5.

Nós pautamos no pressuposto que por nos embasarmos teoricamente em Vygotsky e outros autores que tomam como referência a perspectiva histórica cultural. Durante as brincadeiras constamos como as crianças assumiam os diferentes papéis: manicure, cabeleireira etc. reproduzindo suas vivências cotidianas, demonstrando que vão muito além ao incorporarem o papel, pois atuam como tal, além de demonstrarem que suas atuações são regidas pelas regras implícitas, impostas pelo papel de cada profissional.

O desenvolvimento não é decorrente da ação genética e nem apenas fatores de ambientais que agem sobre organismo. E sim por meio de trocas em que os indivíduos estabelecem durante sua vida. Sendo assim podemos afirmar que as crianças na hora das brincadeiras procuravam seus pares.

Apresentaremos a seguir, um episódio ocorrido durante a observação que reforça nossa afirmação.

Algumas meninas brincavam de salão de beleza, as crianças utilizaram mobílias como, por exemplo, a cadeira para ser o espelho, onde o produto a ser usado no cabelo (creme) era a água e a régua como uma chapinha, o secador era um objeto de brinquedo e apenas a maquiagem e esmalte elas trouxeram de casa.

Oliveira (2011) nos mostra que:

As características do indivíduo e o conhecimento que ele tem do mundo são construídos especialmente nas relações interpessoais em que ele se envolve e que o levam atribuir sentidos às situações, e a apropriar-se de formas de agir, sentir e pensar vigentes na cultura. (OLIVEIRA, 2011, p.21).

Nesse contexto as crianças traziam para a brincadeira com as colegas experiências de seu cotidiano, aquilo em que suas interações familiares e sociais observavam.

Em outro momento observamos outro grupo de meninas, a brincarem de “casinha”. Montaram a brincadeira com fogãozinho, panelinha, uma pequena estante, depois de arrumada a casa, dividiram-se em seus personagens: como pai, mãe e filha. Nesse contexto o pai foi trabalhar e utilizava uma mochila como pasta, à filha agia como um neném que deveria ser cuidada pela mãe, que precisava de mamadeira, papinha e a troca da fraldinha. A mãe se comportava de forma bem convincente com o personagem de sua brincadeira, pois quando o neném chorava, ela logo dizia: “calma filhinha a mamãe já vai lhe dar papinha na boquinha e trocar sua fraldinha”. Também tinha o cachorrinho da família, que era encenado por outra criança, que latia e ficava de quatro patas.

Constatam-se novamente como as vivências sociais são determinantes, reproduzindo a realidade vivida, o pai sai para trabalhar, a mãe cuida da casa e dos filhos e temos até o cachorrinho para completar o universo familiar.

No jogo de papéis, elementos diversos – objetos, adereços, gestos, posturas, sons, palavras – constituem cenários e personagens que medeiam, com sua afetividade, memória e desejos, os enredos construídos pelos indivíduos que lhes emprestam e a si mesmo sentidos pessoais continuamente atualizados. (OLIVEIRA, 2011, p.73).

Novamente, fica claro, como as crianças traziam para dentro da brincadeira a realidade vivida em seu dia-dia, retratando o que observavam do comportamento dos pais, o que fazem em casa, trazendo sua realidade em fantasia.

Os meninos brincavam de corrida de carros, simulando capotamento, batidas, um carro cortando o outro na pista. E para ser uma pista ele utilizavam o espaço de colocar pincel no quadro, o chão também servia como pista e assim

seguiam com a brincadeira, fazendo o som do motor com a boca de acordo com sua imaginação, procuravam imitar o som mais próximo dos motores, fazendo suas manobras com os carros como estivessem dirigindo.

O outro aspecto interessante de ser ressaltado é a nítida separação das brincadeiras de meninas e meninos, reflexo também do contexto em que se encontram inseridos.

Finco (2003) ao discutir as relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas demonstra que a forma como a professora organiza sua prática, deixando disponível, oferecendo uma diversidade de brinquedos, sem determinar papéis específicos fornece a não determinação de papéis em função de seu sexo, entretanto ressalta que quando a professora não reflete sobre sua influência nas relações dos meninos e meninas, ela pode organizar a brincadeira de uma forma a favorecer o sexismo, a prática da professora pode fazer com que as crianças se organizem em grupos distintos de meninas e meninos sem que haja uma ordem explícita para isso. (FINCO, 2003, p. 98).

Vigotsky (apud REGO, 1995) diz que:

A imitação oferece a oportunidade de reconstrução (interna) daquilo que o indivíduo observa externamente. A imitação pode ser entendida como um dos possíveis caminhos para o aprendizado, um instrumento de compreensão do sujeito. (VIGOTSKY, apud REGO, 1995, p.111).

Durante a brincadeira as crianças tentavam imitar o som e as manobra como se elas realmente estivessem participando de uma corrida, agiam com bastante convicção no que estava brincado, reproduzindo o papel de motorista, representado e talvez reforçado no meio em que vivem pelo homem.

As observações realizadas em campo demonstraram que a organização das crianças em relação às brincadeiras ocorria de acordo com a preferência dos brinquedos disponíveis, o que não impedia que as crianças, meninos e meninas participassem da mesma brincadeira, entretanto observamos que

cada criança procurava o brinquedo determinado culturalmente como mais indicado para o seu gênero.

Finco (2003) nos mostra que as fronteiras que dividem os gêneros são constantemente ultrapassadas, onde meninos e meninas podem interagir livremente, estando às vezes separados, e em outros momentos juntos.

Em um dos momentos observados, foram colocadas para as crianças peças de lego. Com as peças elas construíram robôs, prédios, espadas, castelos etc. e passaram a brincar gesticulando como se estivessem brigando, voando, assumindo papéis de mocinhos e malvados, utilizando também as peças para fazerem esconderijos e fortalezas para se protegerem.

Vigotsky (apud CERISARA, 2002, p.124) ressalta que “Não há uma fronteira impenetrável entre fantasia e a realidade, muito pelo contrário, defende a existência de diferentes formas de vinculação entre a atividade imaginativa e a realidade”.

Observamos que na brincadeira a criança tem várias possibilidades de transformar o brinquedo no que quer naquele exato momento, utilizando sua capacidade de imaginação e fantasia. O brinquedo proporciona a criança inúmeras combinações de maneira que serve para estimular sua criatividade e lhe possibilita novas aprendizagens.

Tivemos também a oportunidade de observar um grupo de crianças iniciando uma brincadeira, eles começaram organizando as cadeiras em fileiras, uma atrás da outra, logo em seguida cada criança ocupou um lugar como se estivessem em um ônibus, sendo o primeiro o motorista. Ele segurava um brinquedo nas mãos e fazia gestos como se estivesse dirigindo, enquanto as outras crianças foram se organizando nas cadeiras atrás como se realmente estivessem em um coletivo. O motorista fazia sons como se fosse o barulho do motor, e quando era solicitado pelos companheiros parava para que eles pudessem subir ou descer.

Finco (2003) as relações das crianças na educação infantil servem como uma introdução para a vida social, levando a criança a conhecerem e aprenderem suas regras, valores, interagindo e participando nas construções sociais.

Constatamos que durante a brincadeira de ônibus as crianças reproduziam e ressignificaram os papéis sociais, demonstrando, na situação do ônibus ao colocarem banco (cadeira) atrás do outro que era necessário ter alguém para dirigir (motorista), e que o ônibus deveria parar para que os passageiros subissem ou descessem.

Em outro momento, crianças começaram a montar um zoológico, juntos organizaram os animais, cada um em seu lugar, e utilizavam pequenos bonecos como se fossem eles próprios passeando no local. Durante a brincadeira uma criança comentou que ainda não havia conhecido um zoológico de verdade e passou a perguntar como que era. Um colega foi explicando onde os bichos ficavam e as características de alguns animais.

Confirma-se o que aponta Oliveira (2011) que nas interações as crianças estabelecem sua postura, suas expressões e linguagem e que quando a brincadeira é mediada por seus pares, esta serve como suporte para a ação do outro, e que esse processo interativo dá possibilidade para que a criança construa novas experiências.

As crianças brincando de zoológico, nos mostraram as expectativas da criança que não conhecia esse lugar. Nesse momento percebemos como seria importante a mediação da professora, que poderia participar enriquecendo a brincadeira, e a partir daí explorar o tema, perguntando para turma que animais eles gostariam de ver nesse local, apresentar figuras de bichos, pedir para que cada criança fizesse um desenho para expor e compartilhar com que os colegas o que aprenderam. Com relação à brincadeira do ônibus, a professora poderia ter trabalhado a matemática, perguntando quantos lugares tinha no ônibus, estimulado a contagem do número de cadeiras, somando e diminuindo de acordo com o número de passageiros que subiam e desciam.

Constatamos durante nossa pesquisa que a intervenção da professora só ocorria quando as crianças começavam a brincar de polícia e ladrão, quando

utilizavam as mãos ou algum brinquedo que fosse parecido com uma arma. Nesse momento ela logo advertia as crianças para que parassem com a brincadeira, dando-lhes a opção de brincar mudarem para outra brincadeira ou ficarem sentados em seus lugares.

Os aspectos observados parecem confirmar que a brincadeira não tem sido incorporada no cotidiano da educação infantil como experiência de cultura, ficando restrita a uma atividade de menor valor, sendo encarada como passatempo, espaços e tempos restritos.

É preciso que sejam ampliadas a visão e possibilidades sobre o brincar como nos aponta

Borba (2009) ao afirmar que:

A compreensão da riqueza do processo de brincar para a formação das crianças implica concebê-las nas práticas pedagógicas cotidianas dos espaços da educação infantil como dimensão fundamental das interações que ali são estabelecidas entre adultos e crianças e crianças entre si, assim como de processo de construção de conhecimentos e da experiência cultural. (BORBA, 2009, p.75).

8.1 CRIANÇAS, PROFESSORES E A BRINCADEIRA

Ao serem questionadas sobre a importância da brincadeira, as professoras envolvidas na pesquisa responderam de forma afirmativa, entretanto, deixam claro suas concepções sobre o brincar, ao destacarem: “não só desenvolve a coordenação motora, a socialização, o desenvolvimento intelectual, tem até criança que desenvolve a fala (linguagem) na hora da brincadeira” (prof.^a A). “A brincadeira é superimportante, principalmente na idade que as crianças estão, porque desenvolve a socialização, a parte cognitiva e motora delas. Com esse relacionamento a alfabetização dessa criança nesta idade desenvolve muito” (prof.^a B).

Além dos aspectos já destacados nas falas das professoras, em diferentes momentos foram citados jogos dirigidos como o bingo, caça-palavras, jogos de memória, dominó, forca etc. demonstrando que a utilizam como recurso didático, tendo como foco o desenvolvimento intelectual.

Uma das professoras confirma ao destacar claramente: “Dentro da sala, eu trabalho mais a brincadeira, dentro do contexto escolar como o bingo, caça-palavras e jogos de memória”.

Apesar de citarem aspectos como a socialização, ou outras demonstrações em relação ao desempenho, motivação etc. O foco no ensino prevalece o exemplo apresentado a seguir, retrata bem a referida visão:

Oh! tem criança aqui que no início do ano ela não estava se desenvolvendo legal, aí chamei os pais e perguntei o que acontecia com aquela criança. Os pais responderam que essa criança só ficava no vídeo game.

Então pedi a ajuda deles para cortar o jogo ou fazer uma agenda para o filho jogar uma ou duas vezes por semana, porque eu não estava conseguindo ver o desenvolvimento dessa criança, nem oral e nem a escrita, a única coisa que ela fazia era dizer sobre dragão e dinossauro. E o desenvolvimento dele na sala estava muito difícil.

Conversando com esse aluno passei a juntar a brincadeira com as novidades que ele tem do vídeo game para o cotidiano da sala de aula, ai o aluno vai ter que contar como ele fazia para passar de fase no jogo. Então o aluno foi obrigado a falar de suas “experiências de casa”, para os colegas e como ele fazia para passar do nível um para dois, e também falar e escrever o nome dos personagens, dessa maneira o aluno começou a si interessar pelas atividades de sala de aula.

Durante essa brincadeira eu pedia para que o aluno fizesse um desenho do personagem citado, pois eu não conhecia o jogo e essa criança ficava o dia inteiro jogando e ele não sabia pegar o lápis direito. Agora ele faz uns desenhos menos palitos e teve melhora em seu desenvolvimento motor e a fala. Despertando nessa criança o interesse para a brincadeira da escola, ele aprendeu a gostar de fazer dever de casa, contar história e melhorou a sua socialização com os colegas.

Ao serem questionadas sobre como a brincadeira deve fazer parte do cotidiano da educação infantil, novamente deixam claro como ocorre:

Com certeza em todo momento da vida dele, porque a criança dessa idade, ela brinca. A brincadeira mais usada em casa, eu a utilizo mais na época do folclore, a roda, passar anel, amarelinha, pique etc. Dentro da sala de aula, eu trabalho mais a brincadeira, dentro do contexto escolar, como o bingo, caça-palavras, jogos de memória.

É não só a brincadeira, também a contação de história, a música, eu não tenho muita aptidão para cantar, não tenho voz, nem fôlego, então às vezes eles me ensinam, coloco também CDs com música, ou eles cantam.

A brincadeira também ajuda muito nisso, leio com muita frequência gosto muito de contos de fadas, cantigas de rodas e música tradicionais.

Em outro momento, apesar de ressaltar a importância da brincadeira, a professora deixa claro o papel atribuído à mesma.

Contribui porque a criança, ela é assim, tem criança com o desenvolvimento mais lento, outro mais acelerado. Ai o que acontece tem certos tipos de brincadeiras, que aquela que tem o desenvolvimento mais lento já consegue trabalhar aquela brincadeira, em compensação tem brincadeira que aquela criança, que tem o desenvolvimento mais rápido não consegue brincar por causa da agitação dessa criança, ai então fica assim como uma balança.

Em nenhum momento são citadas, brincadeiras livres, criadas pelas crianças, brincadeiras que possibilitem o desenvolvimento da imaginação, criação, vivência de papéis, internalização etc. fica claro o uso da brincadeira como recurso didático e não como experiência de cultura, parte do universo infantil.

Ao focarmos especialmente a atuação do professor frente à brincadeira confirma-se, mais uma vez, os aspectos já constatados e apresentados anteriormente. As falas destacadas confirmam como ocorre a atuação:

Professora A:

Olha não de uma maneira ditador, deve fazer aquelas brincadeiras que as crianças estão acostumadas a brincar, que ela gosta de brincar e não por obrigação.

Por exemplo: hoje vamos brincar de pular corda, amarelinha, jogar bola...

Não é assim na minha turma, na sala faço o seguinte, coloco os brinquedos, massinhas e jogos. A criança vai pegar aquela que lhe interessar.

Se for um dia da recreação dirigida eu combino antes com eles, para que ninguém venha de chinelo porque amanhã vamos ao parquinho, vamos jogar bola, pular corda etc.

Aqui dentro da sala faço os combinados hoje vamos ao parquinho, vamos brincar de pular corda e jogar bola. Quem não quiser pode brincar no escorregador, no balanço e eu fico lá olhando.

Não gosto que eles se empurram, batem uns nos outros, já sabem como devem se comportar para não machucar o coleguinha.

Na sala é a mesma coisa coloco os brinquedos espalhados para eles pegarem, tem uns que não gosta de brincar, gosta de ficar desenhado, fazendo trabalho

de escrita. Eles sabem que não podem bater estragar o brinquedo, jogar fora e isso são passado para eles desde o primeiro dia de aula, já coloco as regras o que pode e o que não pode. Porque aqui é a escola não a casa dele.

A fala da outra professora sobre sua atuação, também mostra os mesmos aspectos:

Professora B:

Deve atuar como orientador, o professor deve orienta sempre quando necessário, e deixar a criança mesmo interagir dentro da brincadeira livre. Porque nós professores devemos orientar nossos alunos, não devemos deixá-los muito soltos.

Tem horário para a brincadeira, quando eu vou trabalhar com matemática, quando terminamos a atividade, partimos para brincar com o bingo de números. No dia que trabalho português, após a atividade jogamos bingo de palavras, de animais ou jogos de encaixe.

O bingo de número eu sorteio e mostro qual saiu, e as crianças têm que procurar em sua cartela de bingo e marca número sorteado. Já o bingo de palavra, eu digo a palavra casa e espero alguns minutos para eles procurarem em seu bingo, uns conseguem rapidinho, agora aqueles que eu percebo que esta com dificuldade, falo novamente a palavra. A brincadeira de bingo trabalha também na criança a concentração e observação.

A brincadeira não é diversificada devido à dificuldade da criança, elas brincam com os mesmos jogos, porque é um ajudando o outro, o próprio colega orienta. Uma fala começa com a letra C a outra criança vai procurando e se marca errado o coleguinha ajuda.

Nesse caso as crianças já estão trabalhando a socialização e estimulando sua criatividade. As crianças gostam muito da brincadeira de completar no quadro,

eu faço uma figura (desenho) e a criança vai tentar adivinhar o nome, aquele que acertar vai escrever o nome do desenho no quadro.

Parece claro, pelos aspectos constatados no cotidiano da educação infantil que apesar dos professores já reconhecerem a importância da brincadeira, ainda desconhecem seu potencial como experiência de cultura, incorporando-a as suas práticas apenas como recurso ou mero passatempo.

Borba (2009) destaca que:

Ao brincar, a criança não apenas expressa e comunica suas experiências, mas as reelabora, reconhecendo-se como sujeito pertencente a um grupo social e a um contexto cultural, aprendendo sobre si mesma e sobre os homens e suas relações com o mundo, e também sobre os significados culturais dos meios em que está inserida. (BORBA, 2009, p.70).

Na brincadeira a criança cria e reelabora novas possibilidades para se expressar e comunicar-se com os outros integrantes de seu meio social, adquirindo conhecimentos através de suas interações sociais e de sua relação com o mundo em que está inserido, passando a compreender o significado de sua cultura.

Ao questionarmos as crianças sobre as brincadeiras realizadas, por elas, na escola, estas também reforçam o que as professoras já haviam citado: massinha, jogos de memória e forca.

Constatamos, durante as observações que os momentos de maior criatividade em relação à brincadeira, ocorriam durante os momentos de pátio. Nesses momentos, as crianças definiam do que e como brincam sem a intervenção das professoras.

Num desses momentos perguntamos ao aluno (A) do que ele estava brincando: “estou brincando de espião e durante a brincadeira não podemos deixar outra criança nos veja”. Observamos que a brincadeira durou todo o tempo do recreio.

Confirmando novamente que eram nesses momentos que as crianças transformavam a brincadeira de acordo com o que elas imaginavam e queriam, pois não tinham que seguir uma regra imposta pelo professor, elas em comum acordo determinavam o que iriam usar, criando assim novas possibilidades para o jogo e sendo respeitados pelos demais participantes.

Em outro momento também no pátio, observamos o aluno (B) que estava brincando de médico com alguns coleguinhas. Mas houve um contexto até chegar ao médico, onde o paciente se envolveu em um acidente de carro e ele estava muito machucado e foi levado para o hospital pela ambulância que era representada por outro grupo de alunos que faziam o som da sirene e carregavam o paciente pelos braços e pernas. Ao perguntarmos ao aluno (B) o que ele estava fazendo, ele respondeu “não posso parar, estou salvando a vida desse paciente que está muito grave e com muito sangue”. Percebemos que este grupo de alunos retratou a brincadeira com rotinas da vida real dos médicos, demonstrando a vivência de papéis e principalmente das regras, assumindo uma responsabilidade maior exigida pela brincadeira.

Fizeram a utilização de galhos de árvore e folhas secas para representar a cirurgia e a brincadeira foi desenvolvendo-se e chamando a atenção dos demais colegas. Ao final todos estavam envolvidos na mesma brincadeira e vários pacientes foram chegando e o número de médicos e enfermeiras aumentou.

Ao observamos essa brincadeira, podemos verificar que algumas crianças observam pequenos detalhes para retratar a brincadeira de forma mais verdadeira possível, seus atos, suas falas, a forma como lideram a brincadeira nos mostra a capacidade de criar e organizar a brincadeira.

Em nenhum momento a professora mediou ou até mesmo observou a brincadeira. Os materiais utilizados foram os que haviam disponíveis no local. Por se tratar de uma área aberta com diversas plantas, areia e brinquedos como escorregador, balanço e uma casinha de madeira que serviu de hospital.

Mesmo não tendo os recursos necessários para a brincadeira, tal fato não foi obstáculo para impedir que as crianças pudessem criar e fantasiar. Essa troca

de informação mostrou para as crianças o papel do médico, a função da ambulância, a rotina dentro de um hospital e etc. Uma brincadeira aparentemente simples, mas com uma riqueza de aprendizado imensa.

Percebemos também como as crianças tinham dificuldade em dizer quais as brincadeiras elas mais gostavam que as professoras fizessem, pois não tinham nenhuma referência, por que todo dia era assim, a caixa de brinquedos era colocada no chão, no horário determinado para isso, sendo um meio que as professoras encontravam para fazer outras atividades relacionadas com a sua atividade diária, como por exemplo, colar atividades nos cadernos das crianças, isso servia como forma de manter as crianças ocupadas em determinado momento.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa realizada sobre a brincadeira na educação infantil e suas implicações no desenvolvimento infantil, nos mostrou quantos atributos ela oferece no ensino aprendizagem das crianças. Os autores estudados enfatizam a relevância da brincadeira e dos jogos inseridos no contexto escolar de forma livre e mediada pelo professor, contribuindo para aumentar a criatividade, fantasia, atenção, socialização e muitas outras capacidades.

A brincadeira e os jogos atraem a participação, curiosidade e interesse da criança, possibilitando o seu desenvolvimento intelectual, físico e psíquico. Através da brincadeira a criança expressa a sua realidade e a mistura com o mundo da fantasia, trazendo seus medos, receios, conflitos e problemas e procura resolvê-los ou tratá-los de acordo com a sua vontade, pois ao brincar ela determina as regras e conduz de acordo com a sua criatividade e necessidade para se tornar algo prazeroso. O jogo de faz de conta proporciona a criança o desenvolvimento da autonomia e da identidade.

Mas o que foi visto na pesquisa de campo, é que o professor apesar de ter consciência da importância da brincadeira, conforme se constatou seus discursos, na prática ainda a utilizam nos momentos livre ou como passa tempo, não aproveitando este momento rico de informações e aprendizado dos seus alunos para conhecê-los melhor e saber quais as suas limitações, observar a interação com os colegas, a criatividade, disposição para brincar, observar o que ela traz do seu cotidiano para o mundo imaginário, qual a sua forma de brincar, o grau de aprendizado que ela está em situações onde ela tenha problemas, como os resolve, sua autonomia, sua liderança, enfim o professor está perdendo a oportunidade de aproveitar os momentos da brincadeira, para conhecer melhor as crianças e posse das observação organizar o espaço da sala no sentido de possibilitar acessos e melhor atender as crianças.

Constatamos também, que o professor negligencia a importância da brincadeira e dos jogos na prática educacional, desconsiderando a brincadeira como recurso e fonte de aprendizado, como mostra o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI).

Não incorporando a dimensão lúdica no trabalho de construção do conhecimento das diferentes áreas, apesar de ser necessário o cuidado de não reduzir a brincadeira a mero recurso didático.

A pesquisa mostrou os seguintes dados: Os professores do grupo V da educação infantil estão preocupados em alfabetizar apenas, pulando uma fase importante na vida das crianças no seu processo de construção do conhecimento, de acordo com as informações adquiridas no seu meio social, já que as mesmas estão sendo forçadas a fazerem apenas o que determina o professor, perdendo o direito garantido por lei de brincar, já que os brinquedos não ficam ao alcance das crianças para serem utilizados quando for do interesse das mesmas, são guardados em caixas ou baldes grandes em cima do armário e só são utilizados apenas com a permissão do professor e em alguns momentos.

As crianças fazem determinadas atividades por obrigação e ficam desmotivadas e cansadas com as rotinas impostas a elas, ficando assim anulada a fase de criação, imaginação, diversão, interação, socialização e autonomia no meio escolar que a brincadeira oferece.

Portanto, acreditamos que o professor que utiliza a brincadeira como meio de aprendizado, oferece a criança, a oportunidade e o direito de ampliar o seu aprendizado, favorecendo a aquisição para novas habilidades e interesse de aprender.

Diante dessa situação cabe ao professor observar seus alunos, verificando suas preferências e interesses, inserindo materiais e recursos ao seu ambiente escolar para que possa ajudá-los a construir novas brincadeiras, novas

informações, situações que as desafiem a elaborarem novos textos e contextos e aumente a interação com os colegas, abrindo caminho para sair das mesmas brincadeiras e aumentar ainda mais a sua capacidade de criar e renovar. É possibilitar que seu aluno vá além, busque inovador, motivando a crescer cada vez mais, a querer aprender e se sentir seguro no ambiente escolar.

A ludicidade merece atenção dos pais e professores, pois trata-se de um direito de toda a criança, sendo de fundamental importância para o processo de ensino aprendizagem e na construção social das crianças. Os pais devem oferecer brinquedos que venham a contribuir para o seu desenvolvimento integral da criança, que tenham atenção ao que proporcionam a eles.

Os professores devem organizar um espaço privilegiado e com recursos necessários para que essa aprendizagem ocorra de forma natural e significativa para a criança. Proibir o ato de brincar é proibir aprender, então dê a liberdade para que a criança fantasie, voe alto de forma a quebrar as barreiras para as grandes oportunidades que o mundo tem para oferecer.

Aproveite para mostrar a seus alunos, o quanto é maravilhoso ser livre para brincar, pois infelizmente não são todas as crianças que tem essa oportunidade, já garantida pela lei, na família e na escola.

Dessa forma consideramos a inserção da brincadeira e do jogo, pertinentes às práticas educacionais, já que essas atividades proporcionam de forma prazerosa a interação e o desenvolvimento em todos os aspectos, entretanto para que tal proposição se concretize, é necessário que os professores conheçam as potencialidades das brincadeiras, não basta que a considerem importante. É preciso que tenham embasamento para compreender sua importância e dessa forma, passem a inseri-las em suas práticas cotidianas.

10. REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª Ed.Ltc 1998.
- AROEIRA, Maria Luísa campos, SOARES, Maria Inês B. Mendes, Rosa Emília de A. **Didática de Pré-escola: Brincar e aprender. Conteúdo e Metodologia**. São Paulo Fdt, 1996.
- BOMTEMPO, Edda. A Brincadeira de Faz de Conta: lugar de simbolismo, da representação, do imaginário. In: KISHIMOTO, Tizuko M. (Org.). **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez, 2000.
- BORBA, Ângela Meyer. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.
- BORBA, Ângela Meyer. A Brincadeira como experiência de cultura. In: CORSINO, Patrícia. (Org.). **Educação Infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2009.
- BRITO, Luiz Percival Leme. Letramento e Alfabetização: Implicações para a educação infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de, Mello, Suely Amaral (Org.). **O Mundo da Escrita no Universo da Pequena Infância**. Campinas: Autores Associados 2005.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- CAMPOS, Maria Malta.I. II. ROSEMBERG, Fúlvia. III. Brasil. **Direitos fundamentais, MEC, SEB, 2009**. 44 p.: il. ISBN 978-85-7783-019-0. 1. Creche. Critérios de avaliação. Disponível em: [http://www.portal.mec.gov.br/.../direitos fundamentais](http://www.portal.mec.gov.br/.../direitos_fundamentais). Acesso em: 10 Nov. 2012.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- DIAS, Marina Célia Moraes. Metáfora e Pensamento: considerações sobre a importância do jogo na aquisição do conhecimento e implicações para a educação pré- escolar. In: KISHIMOTO, Tizuko M. (Org.). **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez, 2000. P. 53.
- FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e menina na educação infantil. **Pro-Posições/ Universidade Estadual de Campinas** Revista v.14n.3 (42). Set/dez. 2003.
- KISHIMOTO, Tizuko M. O Brincar e Linguagem. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de, Mello, Suely Amaral (Org.). **O Mundo da Escrita no Universo da Pequena Infância**. Campinas: Autores Associados 2005.
- KISHIMOTO, Tizuko M. (Org.). **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez, 2000.

KISHIMOTO, Tizuko M. (Org.). **O Brincar e Suas Teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

KRAMER, Sônia; LEITE, Maria Isabel. (Org.). **Infância e Produção Cultural**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

LORDELO, Eulina da Rocha. Por que Tanta diferença? A educação infantil na Itália e nos Estados Unidos. In: MILLER, Fernanda, CARVALHO, Ana Maria Almeida. (org.) **Teorias e Prática na pesquisa com crianças: diálogo com William Corsaro**. 1ª Ed. São Paulo: Cortez 2009.

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 4ª Ed. São Paulo: Atlas 1999.

MARTINS, Maria Sílvia Cintra. **Oralidade, escrita e papéis sociais na infância**. Ed. Mercado de letras; Campinas: 2008.

Ministério da Educação, **Referencial curricular Nacional para a educação Infantil Formação Pessoal e social**. Vol.2. Brasília, 1998.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e Métodos**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Jogos de Papeis um olhar para as brincadeiras infantis**. 1ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 12ª Ed. Vozes, 1995.

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente**. 4ª tiragem 6ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, L.S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 7ª Ed. São Paulo: Ícone, 2001.